

QUANDO A POESIA VISITA O ORDINÁRIO DO COTIDIANO: A RUA NA POÉTICA DE FERREIRA GULLAR¹

**ANDRADE, Anderson Proença de²; FARIAS, Vera Elizabeth Prola³;
NIEDERAUER, Silvia³**

¹ Curso de Letras, Centro Universitário Franciscano – UNIFRA

² Acadêmico do curso de Letras, Centro Universitário Franciscano – UNIFRA

anderson.pro.andrade@hotmail.com

³ Prof^a. Dr. do curso de Letras, Centro Universitário Franciscano – UNIFRA

*Já me perdi.
Como tantos outros brasileiros
me perdi, necessito
deste rebuliço de gente pelas ruas
e meu coração queima gasolina (da
comum)
como qualquer outro motor urbano.*

Ferreira Gullar,
trecho do poema *Bicho Urbano*,
in *Na vertigem do dia*

RESUMO

O objetivo, neste artigo, é analisar de que modo a poesia de Ferreira Gullar faz proveito poético da rua, para, movida pelo espanto de uma epifania, encerrar uma poesia que se sobressai para além dos atos mecânicos, ordinários e monótonos do cotidiano. Trata-se, metodologicamente, de uma pesquisa eminentemente bibliográfica, de caráter comparativo com a finalidade de contribuir nas investigações acerca da poética do poeta maranhense e da transcendência oriunda do fazer poético. Para tanto, eleger-se-á como principais fontes teóricas, os títulos **O arco e lira** e **Signos em rotação**, ambos de Octávio Paz.

Palavras-chave: Ferreira Gullar; epifania; transcendência; modernidade.

1. INTRODUÇÃO

Nascido a 10 de setembro de 1930, em São Luís do Maranhão. Poeta, crítico de arte, biógrafo, memorialista e ensaísta. Agraciado em 2005 com o prêmio Machado de Assis, o maior da Academia Brasileira de Letras e em 2010, com o Camões, a maior honraria concedida a escritores de língua portuguesa, é Ferreira Gullar, um dos nomes-chave da poesia brasileira.

Na década de 50, no Rio de Janeiro, voltou-se para as experiências concretistas e movimentos de cultura popular. Engajado, lança em 1964 o ensaio *Cultura posta em questão* e em 1969, *Vanguarda e subdesenvolvimento*, ambos apreendidos pelo crivo da ditadura. Desse modo, em 1971 é forçado a exilar-se. Em 1975, em Buenos Aires, lança *Dentro da noite veloz* e escreve *Poema Sujo*, publicado no ano seguinte, de modo a instaurar a sua peculiar poética neoconcreta.

2. DESENVOLVIMENTO

Ferreira Gullar é um poeta que soube ler com crítica sondagem a poesia de Charles Baudelaire, T.S. Eliot, Whitman e Fernando Pessoa. Com vigor, leu também os brasileiros Augusto dos Anjos, Oswald, Mário e Carlos Drummond de Andrade. Desde o princípio de seu percurso poético esteve, portanto, em contato com uma poesia moderna, pouco ou nada condizente com a parnasiana, lida durante a adolescência. Conhecedor dos postulados do capitalismo e da crise do sujeito da modernidade, o próprio Gullar (1989, p.8), julgou necessário definir o poeta moderno, contrapondo-o ao autor de *Odisseia* e ao autor de *A Divina Comédia*:

Para Homero, a realidade se explicava nos termos da mitologia grega como, para Dante, ela se explicava nos termos da teologia católica. *O poeta moderno, sem mitologia e sem teologia não habita o Parnaso nem se sente tocado pela graça: caminha no chão de asfalto da cidade e tenta transformar em canto a matéria vulgar do cotidiano.* Ao que parece, um mundo povoado de deuses ou iluminado pela teologia é mais propício ao trabalho do poeta do que o nosso, onde pedra é pedra e pau é pau. Mas a verdade é que nem Homero nem Dante, em que pese sua grandeza, oferecem-nos a poesia capaz de nos conciliar com o nosso destino de animal humano do século XX [*grifo nosso*].

A constatação de Gullar é uma leitura da angústia do homem moderno. O sujeito da modernidade é aquele que “não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe” (FREUD, 1996, p.94): o neurótico. Esse sentimento, aliás, tem origem nas décadas finais do século XIX, pelas ruas e galerias parisienses, mais propriamente na figura de Charles Baudelaire, o *flâneur* “a fazer botânica no asfalto” (BENJAMIN, 1994, p.35). “Paisagem – eis o que se transforma a cidade para o *flâneur*. Melhor ainda, para ele, a cidade se cinde em seus pólos dialéticos. Abre-se para ele como paisagem e, como quarto, cinge-o” (BENJAMIN, 1994, p.186).

No entanto, a poética gullareana não irá retratar esse *flâneur* que busca diferenciar-se em relação ao restante da massa, mas o homem comum, ameaçado pelo imperialismo, pela alienação no trabalho e no consumo, e, simultaneamente, cingido por uma utopia, por um desejo de transcendência. Daí, portanto, na expressão conotativa de Octávio Paz (1971, p.122), “a lira, que consagra o homem e assim lhe concede um lugar no cosmos; o arco que o dispara mais além de si mesmo. Toda criação poética é histórica, todo poema é apetite de negar a sucessão e fundar um reino perdurável. Se o homem é transcendência, ir mais além de si mesmo, o poema é o signo mais puro desse transcender-se, desse permanente imaginar-se”, e avesso aos pressupostos formalistas, defini-se como sendo, não “uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem. O poema é um organismo verbal que contém suscita ou emite poesia” (PAZ, 1982, p.17). Nessa perspectiva, lira é ritmo e som; arco é apreensão e propulsão da imagem.

O século XX foi um período que se fez marcado por duas grandes guerras mundiais. Com o término da Segunda Guerra Mundial (1945), surgiram também a Guerra do Caribe, a do Vietnã, a Guerra Fria, uma série de ditaduras no território sul-americano e democracias subdesenvolvidas fomentando um capitalismo predatório. Em um contexto assim caracterizado, a poesia, segundo Bosi (1977, p.142), “parece condenada a dizer apenas aqueles resíduos de paisagem, de memória e de sonho que a indústria cultural ainda não conseguiu manipular para vender”. E embora, inúmeras vezes, sem métrica e isento de rimas,

projetando na consciência do leitor imagens do mundo e do homem muito mais vivas e reais do que as forjadas pelas ideologias, o poema acende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela. E aproximando o sujeito do objeto, e o sujeito de si mesmo, o poema exerce a alta função de suprir o intervalo que isola os seres. Outro alvo não tem na mira a ação mais enérgica e mais ousada. A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar (BOSI, 1977, p.192).

Ante o exposto, percebe-se que a transcendência na poesia moderna se insurge contra a ideologia dominante. Desse modo, para socializar o desconforto e assinalar uma posição de resistência contra o capitalismo, a rua é palco de penumbras e lampejos, angústias e esperanças. O poeta moderno, vulnerável pelas prisões das ruas, envolto a blocos de aço e cinza, sente a inadaptação, não aceita o comodismo das relações; inconscientemente rebela-se, experimenta a epifania, entendida como “o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação. É a percepção de uma realidade atordoante, quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam iluminação súbita na consciência” (SANT’ANNA, 1975, p.187).

Dessa forma, o poeta moderno, para não sucumbir, é engendrado, pela epifania, como sujeito, por instantes, acometido por um comprazimento, por um estado de sublimação, em que “a surpresa é assombro ante uma realidade cotidiana que de repente é revelada como nunca foi vista” (PAZ, 1982, p. 155). Em conformidade com as ideias de Octavio Paz, é assombrando-se que o poeta moderno poetiza e socializa no branco do papel os espantos do seu consciente e do seu inconsciente pessoais, e também e, sobretudo, sonda e solicita o engajamento do seu inconsciente coletivo, pois

a experiência poética é uma revelação de nossa condição original. E essa revelação é sempre resolvida numa criação: a de nós mesmos. [...] O homem é carência de ser mas é também conquista do ser. Essa é a sua condição: poder ser. E nisso consiste o poder de sua condição. Em suma, nossa condição original não é somente carência nem tampouco fartura, mas possibilidade. A liberdade do homem se funda e se radica em não ser mais que possibilidade. Realizar essa possibilidade é ser, criar-se a si mesmo. O poeta revela o homem criando-o (PAZ, 1982, p.189).

A poesia de Ferreira Gullar, expressão artística comprometida com a complexidade do real, incapaz de conceber-se na atemporalidade, consegue assim como Mário de Andrade e Drummond, tirar proveito poético do espaço urbano: ora a expor o tédio e a angústia, ora a expor um sentimento de transcendência, ainda que, às vezes, efêmero.

3. METODOLOGIA

O objetivo nessa pesquisa não é essencialmente investigar a relevância da letra poética de Ferreira Gullar como representação contra a ditadura e a favor do alcance da democracia em 1985. Eminentemente bibliográfica, a pesquisa tem como objetivo analisar de que modo a poesia de Ferreira Gullar faz proveito poético da rua, para, movida pelo espanto de uma epifania, encerrar uma poesia que se sobressai para além dos atos mecânicos, ordinários e monótonos do cotidiano. Para tanto, elegeu-se como principais eixos teóricos os estudos *O arco e a lira* e *Signos em Rotação*, ambos de Octavio Paz.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A sirene do carro dos bombeiros, a fumaça das fábricas, um freada brusca no semáforo, o avião que abafa as vozes da feira ao ar livre, o assalto e os tiros, o ruflar das aves na praça pública: as ruas revelam-se plenas de ruídos e atos cotidianos, monótonos. E nas ruas, é que Gullar gere o seu poema, mesclando o ordinário do cotidiano à epifanias. Não por acaso, dois dos títulos de poesia de Ferreira Gullar possuem relação com as sonoridades urbanas: um chama-se *Barulhos* (1987) e outro, *Muitas vozes*. Um trecho do poema, a seguir, intitulado *Electra II*, encontrado em *Muitas vozes*, é nesse sentido, bastante significativo:

Qualquer coisa
eu esperaria
ver
no céu
da rua Paula Matos
aquele dia por volta
das dez da manhã
menos
um Electra II
da Varig (entre
os ramos quase
ao alcance

das mãos)
num susto!
[...]

Os moradores
da rua ignoram
que naquele
instante
um poema
tenha talvez
nascido

não escutaram
seu estampido

[...]
Se fosse um assalto
com tiros um crime
de morte na esquina
todos saberiam
mas na rua havia
àquela hora
muito barulho:
de cão
de moto
e do próprio avião
que gerou o poema (GULLAR, 2010, p.409-410-411).

Nesse poema, a inusitada aparição de um avião não só promove o momento epifânico, como também revela possuir, o poema, um poder de detonação: “e mesmo se / naquele momento / fizesse total / silêncio / na rua / ainda assim / ninguém ouviria / detonar o poema / porque seu estampido / (como certos / gritos) por alto demais / não pode ser ouvido” (GULLAR, 2010, p.411). O poeta, ao doar ao poema um poder de detonação, explora a conotação ao máximo, participando a indiferença do homem urbano para com a

transcendência via poesia. De acordo com Gullar (1989, p.15), “este é o mundo em que vivemos, banal e delirante, mas onde se torna cada dia mais clara a necessidade de despertar e cultivar o que há de humano no homem. Os poetas podem ajudar nisso. E não, por mistificar a realidade mas, pelo contrário, por revelá-la na sua verdade, que é prosaica e, ao mesmo tempo, fascinante. O poeta sonha no concreto o sonho de todos”.

Em *Dentro da noite veloz* (1975), a mesma postura revela-se, por meio do poema *Pela rua*. O poeta, ao transitar em uma cidade de quatro milhões de habitantes, sente falta da pessoa amada, dá-se conta de que ela é uma só, e desola-se em antítese:

Sem qualquer esperança
te espero.
Na multidão que vai e vem
entra e sai dos bares e cinemas
surge teu rosto e some
num vislumbre
e o coração dispara.

A noite se ergue comercial
nas constelações da avenida.
Sem qualquer esperança
continuo
e meu coração vai repetindo teu nome
abafado pelo barulho dos motores
solto ao fumo da gasolina queimada (GULLAR, 2010, p. 177-178).

Ainda sem esperança, o poeta espera. Dribla o ordinário: os termos motor, gasolina, fumo e comercial são empregados de modo a unirem-se com a sensação de perda e saudade, e dessa forma, denotando a capacidade de o poeta experimentar a transcendência sem a perder o contato com realidade urbana. “Estamos sós, a própria espera se transforma em desespero porque a esperança da presença virou certeza de solidão. Não virá: não haverá ninguém. Eu mesmo sou ninguém. O vazio se abre a nossos pés” (1982, p.184) assinala Octávio Paz. No entanto, o poeta almeja, muito embora desolado, identificar-se com a ternura da ausência, seja entendendo o poema como “consciência da separação e tentativa de reunir o que foi separado” (PAZ, 1971, p.122), ou como organismo que “emite luzes que brilham e se apagam sucessivamente. O sentido

desse pestanejo não é a significação última, mas a conjunção instantânea do eu e do tu. Poema: busca do tu” (PAZ, 1971, p.121).

Dentre vários motivos, talvez o que mais cativa o leitor da poesia gullareana seja esse desejo de resposta ante o espanto, sensação que pode dar-se de diversas formas, como uma lancinante e momentânea perda do autocontrole, como parece sugerir o título *Na vertigem do dia* (1980). Dessa forma, a transcendência no poema realiza-se por meio de transgressões e de uma linguagem que se demonstra semântica e sintaticamente difusa. Por isso, no metapoema *Arte poética*, surgem inusitadas metáforas para poema, organismo verbal que suscita poesia ao iluminar o frege, o rebu da sobriedade urbana: “pássaro empalhado múmia / de flor / dentro do livro / e o que dá noite volte / volte em chamas / ou em chaga / vertiginosamente como o jasmim / que num lampejo só / ilumina a cidade inteira” (GULLAR, 2010, p.336).

De 1980 para 2010, com a publicação do ambíguo título *Em alguma parte alguma*, título que pode suscitar diferentes inferências: a poesia está em alguma parte, em parte alguma, em tudo? Símbolo da transgressão, o jasmim rendeu já inúmeros poemas para Gullar, e em *Alguma parte alguma*, ganha quatro novos. Deles, vale transcrever um trecho de *O jasmim*:

me invade as ventas
no limite do veneno

assim de muito perto
esse aroma rude é um oculto fogo verde
(quase fedor)
que me lesiona
as narinas

[...]

Tudo isso para dizer que ontem à noite
arranquei flores de um jasmineiro
no Flamengo
e vim com elas
– um lampejo entre as mãos –
pela rua
sorvendo-lhe o aroma selvagem
enquanto foguetes Tomahawk caíam sobre Bagdá (GULLAR, 2010,p.33-34).

Novamente pela rua, o poeta é dessa vez, acometido pelo aroma nauseante do jasmim e sua alvura noite adentro. A flor noturna se insurge na rua, instala no poema uma desordem sintática. O poeta ambiciona, a partir desse momento, retratar a sensação causada; no entanto, a palavra falha, não tem cheiro. Embora fracassado, o poeta dá as diretrizes: do banal nasce um comprazimento individual, impossível de socializar, mas fácil de experimentar individualmente. Conforme Gullar, nessa alegria é que reside a condição e

vocação do poeta: “o poema, ao ser feito, deve mudar alguma coisa, nem que seja o próprio poeta. Se o poeta, depois de fazer o poema, resta o mesmo que antes, o poema não tem sentido (GULLAR, 1978, p.40-41).

Contudo, em um caos fragmentado como a rua, mesmo a epifania e seu fulgor são efêmeros. Não que se perca a significação do momento, mas porque é, de acordo com Lyra (1986, p.84-85),

a negatividade que move o poeta quando ele, com tanta frequência, se rebela contra o estabelecido – seja pela natureza, seja pela sociedade: ele manifesta o desejo por uma situação que ainda não existe. E isso é tão poético que acabou identificando a poesia com a rebelião, ao dizer-se que o poeta é – por natureza – um rebelado. Mesmo quando a realidade se modifica no sentido do seu desejo, esta nova realidade ainda não é exatamente a que ele idealizou e, por isso, ele prossegue em sua luta – luta pela conquista de um bem, luta pela superação de uma perda. Esta luta não tem fim. Quando ele se dissesse satisfeito, sua missão estaria liquidada.

Percebe-se que as constatações de Lyra possuem muita conformidade com as de Octávio Paz. O poeta revela-se um insatisfeito, desola-se, busca novas epifanias, e enfim, se compraz novamente. A poesia pousa onde melhor lhe apraz, é um moto-contínuo, como é perceptível no poema *Morrer no Rio de Janeiro*, do título *Muitas vezes*:

[...]
Teu coração
(que começou a bater quando nem teu corpo existia)
prossegue
suga e expele sangue
para manter-te vivo
e vivas
em tua carne
as tardes e ruas

[...]
Teu coração,
esse mínimo pulsar dentro da Via Láctea,
em meio a tempestades solares,
quando se deterá? (GULLAR. 2010, p.479-480)

Dessa forma, a rua, na poética de Ferreira Gullar, cumpre com o objetivo de tornar a transcendência um sentimento de estranhamento causado pelo concreto. Por meio da epifania, o concreto torna-se um veículo para que o poeta transcenda a uma instância genuinamente simbólica, a fim de preservar a utopia humanista. Por essa plausível razão, é que Gullar defende a tese a seguir: “pretendo que a poesia tenha a virtude de, em meio ao sofrimento e ao desamparo, acender uma luz qualquer. Uma luz que não nos é dada, que não desce dos céus, mas que nasce das mãos e do espírito dos homens” (GULLAR, 1978, p.30).

5. CONCLUSÕES

Portanto, a poética gullareana se sobressai, na literatura brasileira, como produção imprescindível para o entendimento da transcendência via epifania, ainda que nascida a poesia, em meio à desordem urbana. Seus poemas, além de serem detentores de extremada sensibilidade, são referências a todo artista que, com prima crítico sobre as práticas sociais, queira realmente conceder o estatuto de obra de arte às suas criações.

Seja por meio da coragem com que explorou seus temas, ou por meio de sua exuberante criação verbal, Ferreira Gullar deve ser leitura obrigatória de todo estudioso da arte, sobretudo, literária, que conceba a poesia como um fenômeno de natureza epifânica e reveladora, capaz de permitir o alcance da transcendência.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Ed standard brasileira. Vol.21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GULLAR, Ferreira. *Em alguma parte alguma*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

_____. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

_____. *Indagações de hoje*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

_____. *Uma luz do chão*. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.

LYRA, Pedro. *Conceito de poesia*. São Paulo: Ática (Série Princípios), 1986.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *Signos em rotação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

SANTA' ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1975.